



Ilustração
Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO 2530. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e oficinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª da

R. Nova do Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA



Pasta dentifrica

COURAÇA

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 236

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

Maquinas e Acessorios

Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 25—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados produtos d'esta
ACADEMIA DE BELEZA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS



fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Século, 43 — LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



ALICE REY COLAÇO

(Cliché Studio).

ESTILISADORA DOS NOSSOS TIPOS POPULARES
E UMA DAS NOSSAS MELHORES CANTORAS DE «LIEDER»

A Arte Moderna e os "Bailados Russos"

ENTRE as varias afirmações que eu tive ocasião de fazer no comício intelectual do Chiado Terrasse houve uma que, tendo sido dita como um lugar comum, teve o condão de irritar alguns *etceteras* e algumas pessoas inteligentes. Os primeiros não me interessam. Resolvi, por elegancia e orgulho, não responder a impertinencias. D'orávante, quem quizer dirigir-se a mim e ser atendido, tem de ter, pelo menos, o gesto delicado de levar a mão ao chapéu... Só assim é que eu passo a dar lume... Com as pessoas inteligentes estou sempre disposto a terçar armas, certos de que elas não respondem ao meu florete com um varapau... E é assim que eu tenho o maior prazer em dar uma resposta ao brilhante jornalista Matos Sequeira que, num admiravel artigo publicado na «Manhã», insinuou aos seus leitores, entre os quais me incluo, como um dos mais assíduos, que na minha afirmação de que os Bailados Russos estavam para a Arte como 89 para o Direito, havia muito de *blague*, duma *blague* que já difficilmente podia ser permitida... Eu devo dizer ao sr. Matos Sequeira, devo dizer a todas as pessoas inteligentes que, com lealdade e correcção, discordam de mim, que eu não tive originalidade alguma na afirmação que fiz, afirmação que eu quiz até incluir no Codigo de *Monsteur de La Palisse*...

Se eu brinquei com o publico, afirmando-lhe a indiscutivel influencia dos Bailados Russos na Arte moderna, tambem Camilo Mauclair brincou no seu livro-sintese «L'Art independant français»... Rodin, nos ultimos anos da sua vida, em todas as entrevistas, não se esquecia de acentuar a grande revolução que os Bailados Russos tinham operado na Arte... A pintura moderna é, toda ela um Bailado Russo. Os pinceis de Picasso, Van Dongen, Lhote, Dufuy, Marie Laurencin e tantos outros, são bailarinos doidos... A scenografia moderna baila Russo, como toda Arte de hoje...

Leiam-se as criticas de De thomas na *Comedia*, leiam-se o proprio Romain Roland, sereno e grave, leiam-se todos os filosofos da Estetica e nenhum deles nega a influencia dos Bailados Russos que não foram mais do que proclamação, em arte, da Republica dos Sentidos... Já vê o sr. Matos Sequeira, já vê o illustre jornalista, que eu estava bem acompanhado. De resto, é bom desconfiar dos meus arrojões. Os meus arrojões são sempre premeditados, tão premeditados, tão banais dentro de mim, que quando chego a tê-los já me sinto tímido, quasi conhecido de que vou ser acusado de não possuir aquela audácia de que, afinal, me acusam...

E, para finalizar, devo dizer que, ao contrario do que para aí se diz, eu nunca bajulei o publico, nunca o enganei, nunca o iludi... Tenho um grande respeito pelo publico mas jámais lhe fiz a côrte. De resto, o publico está cada vez menos publico, está cada vez a ter maior individualidade. Essa qualidade de publico passou agora para certos individuos (entre os quais não está o sr. Matos Sequeira) que, á falta de uma personalidade, resolveram ser uma multidão...

Antonio Ferro

PEDE-NOS a sr.^a D. Leonor Rosa, a proposito da entrevista publicada no nosso ultimo numero, para declararmos que certamente se não fez compreender bem quando lhe foi atribuida a duvida de que uma peça de seu marido não seria bem representada se fosse á scena. Augusto Rosa foi um nobre camarada dos seus colegas, e a illustre viuva não queria que aquela nota ficasse pesando na memoria do grande artista.

A *Ilustração Portuguesa* iniciará no seu proximo numero a secção de Critica Literaria. Esta secção foi confiada ao poeta Americo Durão, que é, sem duvida alguma, uma das primeiras figuras da geração. A secção de Critica de Arte está entregue ao escritor Manuel de Sousa Pinto, um dos melhores nomes da nossa literatura contemporanea. A Critica Teatral passará a ser feita, com toda a regularidade, por Antonio Ferro.

COTTINELLI Telmo, Carlos Ramos e Luiz da Cunha alcançaram o primeiro premio do concurso do Pavilhão de Honra para a exposição do Rio de Janeiro. Torna-se desnecessario acentuar o que este facto significa, como mais uma afirmação do que valem os novos. O que é necessario é fixar esta anecdotica: No proprio dia em que os tres talentosos architectos, souberam da boa nova, dirigiram-se para o Commissariado da Exposição, afim de tornar efectivo o premio que tinham alcançado. Era já tarde quando chegaram ao Commissariado. Recebeu-os o sr. Neto, revolucionario civil aposentado. Supondo, modestamente, que esse funcionario ignorasse os seus nomes, Cottinelli Telmo, Salles Ramos, e Luiz da Cunha fizeram-se anunciar pela divisa com que tinham concorrido:

—Faça favor de anunciar ao sr. Commissario a divisa «Morrer sim... mas devagar...»

Tremulo, afflicto, bastante conhecedor de avisos macabros, o sr. Neto foi participar ao Commissario, sr. Lisboa de Lima, que se acautelasse, que fugisse mesmo, porque estavam ali tres delegados duma associação secreta, caras de poucos amigos, dispostos a tudo, talvez a mata-lo...

AO *Comercio do Porto* e à *Patria* agradecemos as amaveis referencias feitas ao numero especial da *Ilustração Portuguesa*, referencias que nos sensibilisaram pela sua espontaneidade e delicadeza.

✓ A proxima segunda-feira abre a sua exposição, no Salão da «Ilustração Portuguesa», o pintor Carlos Porfirio. Podemos afirmar aos nossos leitores que esta exposição vai constituir um dos grandes exitos artisticas da *saison*.



A ÁRVORE

NESSA árvore, que o fruto mal sustem,
curvando para a terra o tronco anceado,
palpita um coração alto e sagrado,
a derramar divinamente o Bem...

E' o coração da Natureza... — «Vem!
— brada esta ao faminto, ao desherdado.
«Vem beber neste fruto perfumado
o meu leite suavíssimo de Mãe!»

E a árvore, — a Natureza! — neste anseio,
também à fera e ao verme oferece o seio,
Mãe santa e universal da Creação...

E como o verme, a rastejar na lama,
lhe não alcance o seio, estende a rama,
baixando o fruto d'ouro até ao chão...



D. Elisa Baptista de Sousa entrevistada pela «Ilustração Portuguesa»

A ENTREVISTA DA SEMANA

D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROSO

NO dilúvio do sol, o inverno, á nossa volta, é uma tela de cores agonisantes. As arvores sobem para o alto, na afuselada maceração dos seus vultos—os seus vultos viúvos das folhas e dos ninhos. No ar, passa um grande clarão macio de perola e oiro. São as quatro horas da tarde. Aquela rua de Borges Carneiro é uma rua serena, uma rua d'exílio, uma rua monástica, donde os turbilhões desapareceram, donde ressalta um divórcio sentimental com a barulhenta anarquia fulva da cidade. Aquela rua tem varias casas tristes, alinhadas na sua concentração e no seu mutismo, casas que não ríem por qualquer janela aberta ou por qualquer jardim, alacrisado de pétalas môças.

Batemos a uma porta—a porta desta casa vermelha, grave, silenciosa, duma solenidade conventual. E' a morada de D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso—a morada duma grande artista, feiticeira dos dedos prodigiosos, pianista cujas interpretações veem dar novas almas á alma dolorida dos musicos...

Daí a pouco, somos introduzidos no salão de D. Elisa Baptista de Sousa—um salão que é o primeiro passo para a intimidade do seu espirito—porque logo revela, denuncia, confessa a sua superioridade e a sua psicologia. Por ali teem passado todos os grandes vultos d'élite que Lisboa tem conhecido no nosso tempo. E' toda uma galeria d'evocações que nos cerca, que nos sugestiona, que nos deslumbra. Por todos os lados, em multidão, ha retratos com dedicatorias longas, retratos de figuras notaveis, de celebridades consagradas, que ali deixaram o frémito duma admi-

ração e duma homenagem. E assim fica creado, á personalidade eleita de D. Elisa Baptista de Sousa, o ambiente que ela merece, um ambiente de consagração, de louvores ajoelhados perante a sua Arte magnifica. Entrar no seu salão—é sentir o aplauso vibrante que a tem rodeado, através os seus triumpho....

A luz é branda, tamisada por cortinas claras. Ha um tremó doirado, jarras primaverilizadas de flores, estatuetas esbeltas, *divans*, almofadas, livros d'arte, pelas mesas, em grupos dispersos. Ha depois a nota do lar, o grande *abat-jour* azul. E ha, sobretudo, o piano imenso, ao fundo, o piano de cauda, muito negro, numa soberania máxima—o piano que é o grande simbolo entre aquela atmosfera simbolica... E' sobre o seu teclado branco que teem corrido as mãos da artista, as suas mãos creadoras e vibrateis. Esse teclado tem, sobre si, toda uma longa suges tão de Belesa, toda uma imensa magestade de Ritmo...

Mas enquanto nós nos esquecíamos, a olhar o seu scenario evocativo—chega D. Elisa Baptista de Sousa. Na tarde macilenta, os seus olhos brilham, negros e vivos, como esmaltes. Tem um belo sorriso acolhedor que nos lança na conversa—a conversa que vae desenhando, pouco a pouco, as suas preferencias, as suas opiniões, as suas intimidades. Não devia haver esta palavra «entrevista»—que a tradição dos jornais encheu de *poses*, de medidas e de artificios. Muito melhor seria a expressão «conversa». A conversa é espontanea, clara, sincera, fluindo como uma onda. Assim foi a nossa conversa com D. Elisa Baptista de Sousa, uma conversa que nos deixou en-

cantadoras recordações. Uma das primeiras, foi essa nota coimbrã que a artista me contou, numa voz emotiva e musical. Perdõem-nos esta primasia. E' natural. E' Coimbra a nossa terra, que iluminou de melancolia contemplativa os nossos olhos avidos e quando esses olhos principiaram a soletrar a vida...

D. Elisa Baptista de Sousa foi já varias vezes a Coimbra — umas nove vezes. De todas as vezes, lá colheu a justa consagração dos aplausos unanimes. Talvez lá volte este ano que começa, para realizar um pedido da Sociedade de Concertos — e certamente reencontrará os mesmos trofeus calorosos e comovidos. Entretanto, uma noite houve que me ficou para sempre marcada na memoria. Foi a noite em que a Academia de Coimbra — floresta de boemias e azas negras — trémula ainda de entusiasmo, a acompanhou á noite até ao hotel e lhe cantou então uma serenata imensa, voz de almas que soluçam e que sóbem. No alto, um luar de sêda loira tocava as coisas de uma bizzaria lendaria e de um misterio lirico. Então num impulso, para os recompensar, D. Elisa Baptista de Sousa abriu largamente, rasgadamente, as janelas, fez transportar até elas o piano — e focou, tocou maravilhosamente, inspirada e divinizada por um grande

— Mais... Lembra-me que a um dos concertos deu-me a honra de assistir el-rei D. Manuel, que no final me dirigiu felicitações... Já vê... ha muitos anos!...

— A Coimbra, com quem foi?

— A primeira vez, com o meu querido mestre e grande musico Rey Colaço. Foi uma prova de consideração que ele, nessa época, me deu... Das outras vezes toquei só...

— Mas tem tocado muitas vezes acompanhada de celebridades...

— Tenho... Toquei já com Pugno, com Riskor, com Vinês, com o violinista Casals, uma sumidade — com a interessante pianista e amiga querida Antoinette Aussenac... Varias vezes tambem com Viana da Mota. Ainda não ha muito tempo, na Sociedade Nacional de Belas Artes...

Nós sabemos da intimidade e do culto que liga D. Elisa Batista de Sousa a Viana da Mota. Não deixamos portanto passar indiferentemente o seu nome.

— Viana da Mota, foi o seu grande mestre, não é verda^{de}e?

— Um grande mestre e um artista de genio. Quanto tenho ainda que aprender e ele que me ensinar!



A grande pianista D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso

sopro espiritual. Em baixo a Academia escutava, religiosa e atenta, diluviada de luar. Foi uma das ultimas noites em que Coimbra sentiu a sua supremacia eleita da cidade — claustro da cidade — iluminura, de terra liturgica e scismatica...

E, quando D. Elisa Baptista de Sousa acabou essa recordação admiravel — pedimos mais recordações do seu passado de sucessos sempre continuos, que contiua agora mesmo, intensos...

— Já tocou alguma vez no Porto?

— Duas vezes. Tenho alguns pedidos para lá voltar. Talvez este ano... A obra do professor illustre que é Moreira de Sá tem sido esplendida. Quasi toda a criação do ambiente musical — a ele se deve. Tambem lá teho um artista que aprecio: o professor e pianista notavel, Luis Costa...

— Em Lisboa, tem tocado imensas vezes?

— Sim, bastantes vezes... Com a orquestra Blanch já toquei três vezes. Admiro Pedro Blanch que é um maestro distintissimo, mas a ultima vez que acompanhei a orquestra, que não é a actualmente organizada, foi ha muitos anos...

— Quantos? Seis, sete anos?...

Protestamos:

— Já nada tem que aprender. As suas execuções são perfeitas. Atingiu uma altitude na Arte...

D. Elisa Pedroso não nos quer dar rasão — e, para não demorar o assunto no seu nome, volta a falar de Viana da Mota:

— E' um colosso! — afirma-nos, nu na devoção — Friedmann disse que ele era o mestre de nós todos. Brailowsky confessa que se intimidava de tocar Beethoven diante d'ele, diante dessa gloria portuguesa!...

Passa um silencio. O sol desmaiou de todo lá fôra. Uma lamina friorenta vibra, no ambiente, passageira e brusca. D. Elisa Baptista de Sousa destaca-se mais entre a penumbra e os seus olhos faulham como duas lampadas votivas entre a luz morta...

— Que impressão tem sobre as suas proprias interpretações? Estuda muito?

— Muito. Horas seguidas todos os dias. Tenho sempre a aspiração de aperfeçoar-me...

— Aspiração já realisada... E' impossivel exceder-la, ao piano...

Um sorriso de censura gentil:

— Não diga isso. E' sempre possivel tocar-se me-

lhor. Já passou o tempo em que bastava saber piano para tocar bem piano. Ha sempre novas *nuances*, novos horisontes, a descobrir. Hoje, uma pianista precisa de ser culta, culta em todos os detalhes intellectuais, para poder entender aquilo que executa...

Justamente, D. Elisa Baptista de Sousa é uma intellectual, anciosa sempre de completar e ampliar o seu espirito. Falámos-lhe dos seus artigos publicados ha anos no *Diario Nacional*:

— Vou talvez reuni-los em volume...

— Será outro volume curioso e brilhante como aquele que dedicou á musica espanhola...

— Ah! conhece?...

— Muito bem. Foi mesmo um grande successo além-fronteiras...

D. Elisa Pedroso deixa passar de novo os louvores sem se demorar neles:

— Eu gosto muito da musica espanhola de hoje. Granados, Albeniz, Conrado del Campo, Falla, Turina. — E dos franceses?

— Também é claro. A preferencia vai para Ravel, Debussy, Chausson... Mas adoro também os russos.

compositores, outro de musica espanhola. Haverá, no primeiro, uma conferencia por um critico musical em destaque — e no segundo outra conferencia pelo grande musico Conrado del Campo...

Os projectos de D. Elisa Baptista de Sousa parecem-nos louvaveis e estimulantes. E, ante a nossa vibração, a artista explica-nos longamente as suas ambições, o que desejava conseguir em Lisboa...

Repentinamente, saímos da abstracção, voltamos á vida. Ha mais de duas horas que estamos em casa de D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso. Na despedida uma ultima interrogação:

— Qual o autor que prefere interpretar?

— Beethoven, acima de todos — diz-nos a artista, numa expressão mística — E' o grande doloroso e o grande transfigurador...

— Wagner também?

— Wagner é um compositor de orquestra... Tenho por ele um fanatismo...

Vamos a sair. Mas parece-nos curioso saber algumas opiniões de D. Elisa Pedroso sobre as mulheres do seu tempo, em Portugal. Subitamente, deparamos,



Um interior de arte em casa da illustre pianista.

Entram, como nenhuns, na minha sensibilidade. O Stravinsky, o Rimsky, Korsakoff, são almas imensas!

— A escola italiana também parece renovar-se...

— Sim... Os italianos antigos passaram; mas ha um belo movimento moço. Viittorio Gui, esse mestre que está justamente agora em Lisboa, é um grande elemento dessa pleiade...

— E agora — concluímos — agora que demos a volta á Europa, diga-me o que pensa da musica, hoje, entre nós...

— Em pleno progresso, creio. Até, em Lisboa, já se toca admiravelmente piano. A Sociedade de Concertos é uma iniciativa magnífica.

— Mas faltam ainda passos importantes...

— Ah! Faltam! Eu tenho feito esforços para a criação de um orfeon, para a intensificação da musica de camara no nosso meio...

— Uma cruzada de Arte!

— E dentro dessa mesma cruzada, quero promover dois concertos, breve, um de musica portuguesa, antiga e moderna, onde se façam ouvir todos os nossos

sobre uma mesa, um retrato esguio, onde reconhecemos um perfil estilizado:

— Veva de Lima?!

— E' a Veva — confirma D. Elisa Pedroso — Olhe, aí tem «uma mulher com importancia»... Tem tudo, a elegancia, a intelligencia, a audacia — uma grande chama de originalidade...

Ouvimos, e resolvemos não perguntar mais. Veva de Lima é uma mulher que é uma epoca, uma grande senhora e uma grande alma...

... E, agora, decididamente, deixamos a casa da artista. Ainda ha um desvio rapido até á *Sala Portuguesa*, florida de côres garridas muito nossas e onde se alinham os troféus da vida artistica de D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso — flôres, muitas flôres, cascatas de pétalas evocadoras...

Descemos escadas. A porta fecha-se, surdamente, sem um éco. Cá fora um sol de inverno morreu — e começam a acender-se os sóes electricos da noite...

João AMEAL

(Clichés Garcez)



Carlos Reis. A Esmola do sábado

Pintura

de

ar

livre

VAI na sua décima exposição o grupo de «Ar livre», fundado e orientado por Carlos Reis, mestre do paisagismo.

Com tenacidade e muitas vezes com talento, essa iniciativa marca uma nota pouco vulgar de sequência, de camaradagem e de paixão pela beleza verdejante ou amarelecida, silvestre ou ajardinada, aldeã ou ribeirinha, da terra portuguesa.

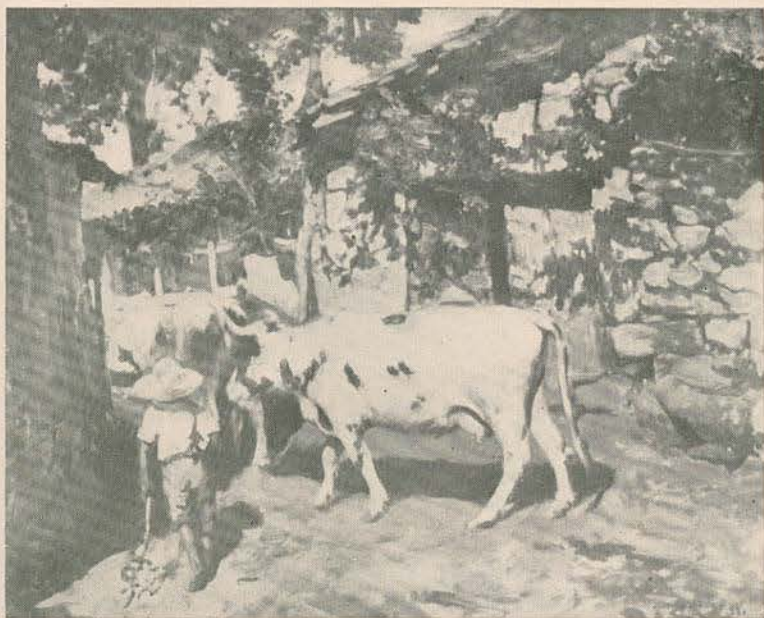
Podem não ter sido extraordinárias todas as suas demonstrações, mas é tão rara em Portugal a perseverança, que o facto dum núcleo de artistas não fraquejar á segunda ou terceira tentativa constitue, só por si, um motivo de louvor.

Outros ha, além dos méritos individuais. Por exemplo, a liberdade

que os colaboradores tem vindo conquistando em relação aos ensinamentos do mestre, que assim prova ter deixado a cada qual, não só o seu feitio, como a escolha dos processos.

Se exceptuarmos o sr. João Reis, que ainda não conseguiu desenvencilhar-se de todo da maneira paterna, os expositores da Bobone manifestam temperamentos muito diversos. Há neles, inevitavelmente, afinidades de escola e de critério, mas não subserviências de discípulos.

Carlos Reis trouxe da Lousã cinco telas. Em duas, *A Esmola do sábado* e *Passagem do cirto*, prevalece o entusiasmo que a côr branca lhe está merecendo. O muro da quinta na primeira e a mancha da igreja na segunda, onde a cal se esforça por fulgurar, são novas notas, alvinitentes a somar ás gra-



Alves Cardoso. A vaca amarela

dações alvas que o artista cultiva ha uns anos. Prefiro a *Passagem do cirto*, pelo original ponto de vista em que o autor se colocou para apontar o desfile rústico do pitoresco cortejo *O Nascer da Lua* pareceu-me um pouco artificial. Também não me seduziu muito o *Bucolismo*. No *Eterno Fadário*, por demais sumário em certas indicações, há algumas dessas pinceladas fáceis, que ficam á primeira, e que só um pintor a valer sabe manejar.

A seguir ao mestre, perei Alves Cardoso, bastante feliz nos seus cinco trabalhos, quer os maiores como *A Sara descansa* e *A Vaca branca*, quer o mais pequeno de todos, *Castelos*, um estudosinho muito curioso de nuvens iluminadas.

Falcão Trigoso, pintor do Algarve, mostrou-se desta vez um tanto rotineiro e fatigado. Tem-nos dado muito melhor do que os *Monumentos algarvios* e sobretudo, *Um manso veterano*.



João Reis. Tarde

vigor que as trevas não consentem. De Santarem, são o *Outono*, *Caminho* e *Manhã de Novembro*, em que este pintor fiel continua imprimindo á paisagem o seu sonho misterioso.

Frederico Ayres trata melhor os barcos que os casebres. A sua *Rua das quatro quinas* só tem de interessante o nome, mas algumas das suas pequenas marinhas são muito agradáveis.

Faltar-me-ia dizer da parte do sr. João Reis, nesta exposição, se ainda ha bem pouco me não tivesse referido ás suas obras, quando as expôs no seu ateliê.

MANOEL DE SOUSA PINTO



Falcão Trigoso. Monumentos algarvios

(Clichés Salgado)



LEITÃO DE BARROS. UMA BELA MÓCIDADE E UM BELO ESPÍRITO, UM NOVO QUE VAI A CAMINHO DA CONSAÇÃO, TEM, NA «CEIA DOS CARDIAIS», UM DOS SEUS TRABALHOS MAIS COMPLETOS. PÓDE DISCORDAR-SE DO ASSUNTO DESTES QUADRO, DEMASIADAMENTE SCENOGRÁFICO, MAS NÃO PODE NEGAR-SE AS ESPLÉNDIDAS QUALIDADES DE AQUARELISTA QUE LEITÃO DE BARROS MAIS UMA VEZ AFIRMA. LEITÃO DE BARROS TEM IMAGINAÇÃO SUFICIENTE PARA NÃO TER DE RECORRER A ASSUNTOS GASTOS. A «CEIA DOS CARDIAIS», DUMA TÉCNICA FORTE, É, CERTAMENTE, A GRANDE PROVA, QUE LEITÃO DE BARROS NOS QUIZ DAR, DOS MÚLTIPLOS RECURSOS DA SUA ARTE.

OS BRAÇOS ELÁSTICOS DE GEORGE SAND

ENTRE as mulheres intelectuais de todos os tempos foi, sem dúvida alguma, a escritora francesa Amantine Lucille Aurore Dupin—universalmente conhecida pelo pseudônimo literário de *George Sand*—a que possuiu o coração mais oscilante, a alma mais volúvel, o amor mais caprichoso e os braços... mais espantosamente elásticos!

Esta celebrada mulher de letras—que se entregou, voluntariamente, a todos os homens eminentes do seu tempo sem, todavia, se ter dado a nenhum...—teve muitíssimo curiosas as circunstâncias do seu nascimento. Um dia, numa festa de família, enquanto seu pai, entusiasmado, tocava violino, com afan, e todos os parentes reunidos pulavam, vivamente, numa contra-dança alacre, sua mãe—que trajava um delicioso vestido cor de rosa, a cor simbólica do Amor—sentindo-se indisposta, de súbito, deixou de dançar, retirando-se para um aposento contíguo. Pouco depois, uma irmã do rabequista entrou, afogueada, na sala e gritou, com emoção:

—Vem cá depressa, Mauricio... Vem ver... Já tens uma filha!...

O tocador de violino poz logo de parte o instrumento e correu, alvoroçado, a verificar a novidade. E foi assim—na alegria ruidosa dum baile, no meio duma festa, ao som estridente duma velha rabeça, sob o vestido cor de rosa simbólico de sua mãe—que, no dia 5 de julho de 1804, nasceu Aurore Dupin, futura autora e... heroína de tantos romances de paixão!

A sua infância decorreu placida, sem incidente algum digno de nota. Aos treze anos meteram-na num colégio interno, em Paris, para completar a sua educação de menina recatada. Decorridos dois anos, saiu desse colégio e foi viver para a aldeia de Nohant, na companhia da sua avó paterna, uma velha fidalga livre pensadora, com prosapias de descender dos reis de França, e que lhe dava a máxima liberdade. Comquanto *Mademoiselle* Dupin estivesse nessa idade risonha e florida em que a criança abandona, com desdem, as últimas bonecas e a mulher começa, ruborisada, a afagar os primeiros anceios, transformou-se, todavia, numa rapariga exótica de modos masculinizados. O seu maior prazer era vestir-se de rapaz! E os camponios viam, boquiabertos, assombrados, surgir por toda a parte, continuamente,

aquela rapariga viril de boné de pala, de calças e camisola de labrego, de polainas grosseiras de caçador furtivo, de nodoso cajado de zambugeiro na mão, e a fumar como um homem!

Aos 18 anos ei-la casada com Casimir Dudevant, militar reformado e fidalgo provinciano, que não era nem pródigo, nem libertino, nem grosseirão—como ela, mais tarde, pretendeu fazer acreditar nas suas *Memórias*—mas sim uma creatura inteligente, tole-

rante até um certo ponto, leal, boa e generosa, e que se houvesse tido a sorte de desposar outra mulher teria dado um esplêndido marido, evidentemente. Apesar de terem nascido deste consórcio duas crianças,—um filho e uma filha—ao cabo de algum tempo «madame» Dudevant, considerando-se extremamente infeliz e incompreendida, começou de farejar outros amores... E assim, após três anos de casada, enervada já da vida conjugal, procurou uma derivante, estendendo os braços ávidos ao seu vizinho Ajasson de Grandsaigne que, passados mezes, trocou por Aurelián de Séze...

Mas nos fins de 1850 já esses amores tinham caducado porque foi por essa época que ela, abandonando o marido em Nohant, abalou para Paris, resolutamente. Na capital da França—como a mesada de quinhentos francos que seu marido lhe estipulara não lhe chegasse para viver, dedicou-se ao jornalismo para ganhar a vida, por cavar a subsistência. Passou, então, por uma fase

pitoresca de boémia. Morava numa mansarda dum bairro pobre, sendo ela própria quem fazia a comida e lavava a sua roupa—como uma *grisette* vulgar—e, de noite, andava na berra, na pandega, na *rambota*,—como se diz hoje,—vestida de homem, fumando o seu cigarrinho predilecto, em companhia dos estúrdios da sua intimidade, principalmente do bôrguista Jules Sandeau, preferido da ocasião, que conseguira ter também um logarzinho reservado no seu coração amplo como um celeiro!... Chegaram até a escrever ambos uma obrásita, em colaboração, um romancete banal, *Rose et Blanch*, que não produziu sucesso algum no meio literário parisiense. Por fim, rompeu com Sandeau para tentar com Merimée uma experiência infeliz, e após esta desilusão com o glorioso autor da *Carmen*, ei-la junta com o jornalista Henri de Latouche, seu conhecido do *Figaro*, onde estivera empregada.



George Sand, aos 26 anos de idade, na época da sua ligação com Jules Sandeau

Foi durante a sua ligação amorosa com Latouche que ela escreveu e deu à publicidade — sob o pseudônimo de *George Sand*, definitivamente adoptado como nome literário. — esse famoso livro *Indiana*, especie de auto-biografia, que lhe trouxe a celebridade. Seguiram-se outros romances de amor como *Valentino*, *Lélia*, *Jacques*, etc., que mais e mais firmaram os seus meritos de escritora de talento, colocando o seu nome em maior evidencia. De aí, enquanto a maré da fama marulhava e crescia, docemente, a onda compacta dos seus admiradores ia engrossando e crescendo, tambem, dia a dia... E, entre outras celebridades de destaque, Mickiewicz, o critico Saint Beuve, e o pintor Delacroix, sentiram a pressão tépida e deliciosa dos seus braços de veludo...

Um dia, porém, o Deus do acaso — que é o grande protector dos namorados — colocou-a ao pé de Alfred de Musset, o maior poeta do amor. Num banquete oferecido aos colaboradores da *Revue des Deux Mondes*, a autora consagrada do *Marquez de Villemer* ficou sentada ao lado do glorioso autor de *Rolla*. Era o destino, o implacavel destino... — como diz a bailarina Frou-Frou na *Duqueza do Bal-Tabarin*. A romancista estava então em todo o esplendor da sua magnifica beleza. Contava perto de trinta anos e possuia uns belos olhos negros, carbunculosos, uma frente espaçosa, a tez deliciosamente pálida, um nariz correcto, uma boca pequena, graciosa, o rosto oval, e o cabelo muito preto, penteado em dois bandós. Foi por esse tempo que Dumas disse dela: «*Madame Sand tem umas mãos muito pequeninas, muito macias, sem ossos, acolchoadas, quasi gelatinosas. É, fatalmente, uma curiosa excessiva, uma fantasista, uma sonhadora, apaixonada nas suas incessantes procuras mas não uma apaixonado. E é de balde que ela o pretende ser, pois nunca o conseguiu...*»

Esse encontro foi em Agosto de 1833 e logo em meados de Dezembro, desse mesmo ano, eles, como dois noivos ditosos, partiram para a Italia e instalaram-se num hotel de Venesa, porque os braços nefastos da romancista tinham envolvido o poeta no seu amplexo fatidico... Mas, pouco depois da chegada, Musset adoeceu gravemente. Foi chamado o dr. Pietro Pagello, joven e robusto, veneziano da gema, para o tratar. *George Sand* apaixonou-se pelo medico e, como mulher sem preconceitos, escreveu-lhe uma declaração extremamente ardente. E um novo idílio começou sob o ceu azul de Italia, à beira do leito dum grande poeta enfermo. Uma tarde, porém, Musset, já convalescente, surpreendeu-os a beberem chá pela mesma chavena... Caiu Troia! E, desalentado, numa amargura imensa, fugiu então dessa mulher fatal, regressando sózinho a França. Ela demorou-se ainda uns quatro mezes com Pagello partindo, depois, para Paris na sua companhia, mas algumas semanas mais tarde o medico veneziano voltou, definitivamente, para a sua patria, após uma ruptura brusca de relações intimas. Entretanto Musset, envenenado de paixão, torturado de amor, carpindo a sua desventura, procurava no alcool o olvido desses voluptuosos braços nefastos que garratavam, preminho, que endoieciam, acariciando...

Entrementes, *George Sand* ingressara, de novo, no lar conjugal, onde seu marido, cheio de paciencia, a acolheu com um sorrisinho afavel. Pouco tempo depois, o desacôrdo entre eles era completo, e ela requereu o divorcio, arreatadamente, acusando o

marido de injurias, maus tratos, ameaças graves, e relações adulteras com criadas!... Ganhou a causa devido à eloquencia de Michel de Bourges, seu advogado, com quem já andava de amores e com quem, de resto, foi viver. Mas as desinteligenacias não se fizeram esperar muito, e ao cabo de um ano, apenas, houve o rompimento fatal. Desta vez o advogado foi substituido pelo dramaturgo Mallefille que, seis mezes mais tarde, cedeu o logar ao celebre pianista Chopin.

George Sand, que tinha então trinta e quatro anos, encontrou-se pela primeira vez com o grande compositor polaco, — que tinha apenas vinte e quatro, — numa *soirée* em casa da fermosa condessa Morliani. Ele tocou magistralmente, como sempre, e a escritora, entusiasmada, falou muito com ele, com afabilidade e interesse. E logo nessa noite, à despedida, ela, mulher sem preconceitos, o beijou: a boca, apaixonadamente, com ardor, enlaçando-o nos seus braços diabolicos... Era o destino, era a fatalidade a perseguir Chopin. Viveram juntos oito anos seguidos porque o celebre autor dos emocionantes *Nocturnos* tinha pela romancista uma afeição exclusiva, absoluta, imperiosa. Todavia, acabaram por se zangar, tambem. E quando o grande pianista, vitimada pela tísica, exalou o seu ultimo suspiro, já esses amores iam longe, se bem que constituissem ainda na sua amargurada vida de melancolico uma recordação penosa em extremo.

E outros, e outros mais, e muitos outros mais, conheceram a caricia absorvente e dominadora dos braços veludinosos de *George Sand* que prendiam os homens como tentáculos: o critico de arte Gustave Blanche, o filosofo Pierre Lerroux, o pianista Lirst, o gravador Alexandre Manceau, que morreu tísico como Chopin, etc., etc.

Os ultimos anos da famosa romancista decorreram calms, muito calms mesmo, cheios dessa tranquillidade augusta que a velhice traz às grandes aventureiras do Amor. A celebre escritora — cujos braços tinham tido noutro tempo essa elasticidade pasmosa que ainda hoje nos maravilha, — repousou, enfim, burguêsmente, pacatamente, na personalidade veneranda e recatada de *La bonne dame de Nohant*, tratando do arranjo da sua casa como uma verdadeira mulher, escrevendo longas cartas em primoroso estilo epistolar aos seus conhecidos como uma verdadeira literata, e fumando, continuamente, cigarros sobre cigarros, como um verdadeiro homem!...

Quantas vezes, ela já velhinha, sentada à janela de sua casa, não sentira a alma, deliciosamente, confrangida de saudade e os olhos, bruscamente, humedecidos de lagrimas!

E tu — homem ou mulher — que acabaste de ler esta coordenação historica de aventuras galantes de uma mulher de letras de extraordinario talento, que eu escrevinhei para teu regalo, se tens coração, se tens alma, se tens fibra humana, se algum dia fôres a Nohant, não te esqueças de ir ao cemiteriosinho da aldeia visitar a sepultura da autora do *Marquez de Villemer*, pois foi inspirado por essa mulher singularmente voluvel, só por ela, exclusivamente por ela, que Musset escreveu as suas paginas mais pungentes — que te teem deliciado — e Chopin compôs as suas musicas mais doloridas — que te teem comovido.



George Sand em 1833



George Sand aos 66 anos de idade

O CERCO MILITAR



Um batalhão de infantaria em marcha, recolhendo ao seu aquartelamento



Infantaria 1 recolhendo

A' CIDADE DE LISBOA



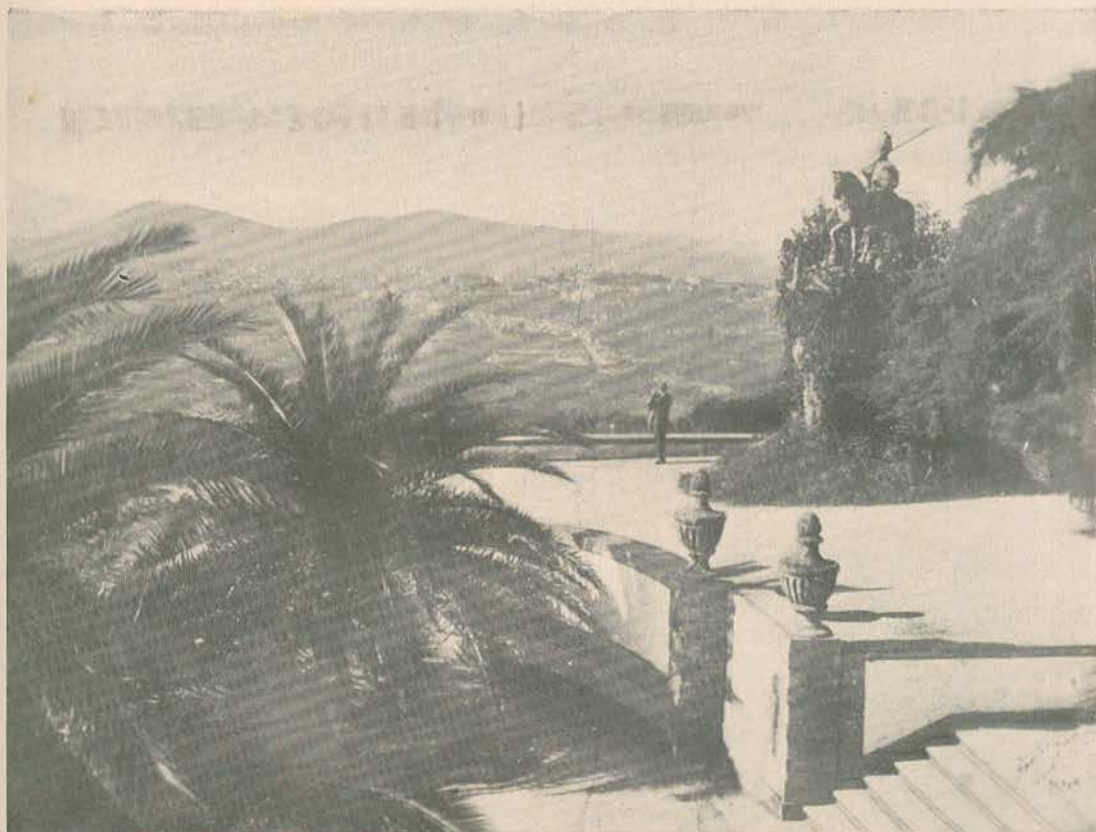
Um aspecto curioso da retirada das tropas



A cavalaria retirando, após o cerco de Lisboa



CARLOS PORFÍRIO, UM PINTOR PORTUGUÊS QUE A ANDALUZIA JÁ CONHECE E ESTIMA, EXPÕE, PELA PRIMEIRA VEZ EM LISBOA, NO SALÃO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA». CARLOS PORFÍRIO É UM PINTOR COM UMA FORTE INDIVIDUALIDADE, O PINTOR DAS HORAS DISCRETAS DA NATUREZA, UM PINTOR-POETA, UM PINTOR QUE PÕE RIMAS NAS TINTAS . . . O BELO DESENHO QUE HOJE DAMOS FOI FEITO APÓS A LEITURA DO «TANTALO», DE AMÉRICO DURÃO. FOI ASSIM QUE CARLOS PORFÍRIO VIU O POETA, FOI ASSIM QUE ELE FIXOU A ALMA DO ARTISTA.



No Bom Jesus. A estatua do Longuinhos

O BOM JESUS DO MONTE

É do Bom-Jesus, do patriarchal Bom-Jesus, escadorio por onde o Padre-Eterno desce a fazer abades, que eu venho visitar o Chiado, esse Arco-Iris onde estoiram as côres brutaes do ocio e do «Jazz».

Todo o Bom-Jesus, todo este Sanctuario onde os minimos detalhes são muito anteriores á Separação da Igreja do Estado, é uma leitura do Evangelho, uma taboleta cristã.

E o Chiado, essa montanha que os electricos ainda não escalaram, tambem tem igrejas, trez igrejas, e tambem é uma taboleta; mas ahi anuncia-se «de dernier cri» dos corpos nus, risca-se o cubismo dos figurinos, promulgam-se as cabelos borradamente louros, as sedas, «the shimmy», «the fox-trot», «de rouge», «des bas-bleus», tudo á mistura com as casacas vermelhas dos zingaros, com as filigranas dos sorrisos, com a altivez das «midinettes», com Lisboa inteira que desaba sobre o Chiado...

Emquanto que, aqui, vive-se a tranquilidade das longas horas, a monotonia dos longos serões. E os typos camilianos afirmam-nos que Camilo não é uma «blague».

Mas as igrejas de Lisboa diferem das do Minho; aqui, embora exibam figuras pagãs, cabeças chavelhudas, n'uma talha preciosissima, as igrejas são recatos onde ainda ha certa devoção; as de Lisboa, caso sabido, são «vitrines», palcos onde os sentimentos saracoteiam um bailado de «flirt», de zum-zum de «rendez-vous».

A gente da cidade não acredita, sequer, que no ano MCMXXI, da era de Cristo, ainda haja quem cumpra o voto d'umas tantas voltas de joelhos sobre o lagêdo das sacristias...

Pois é verdade! Isto e bastante mais!

O Bom-Jesus é ainda primitivo, é ainda fiel ao seu nome, embora os abades, os pastores d'este largo rebanho que se desdobra até terras espanholas, adorem o Senhor na Igreja, e o verde genuino no tasco.

Mas, apesar d'isso, Bom-Jesus, capital de Braga, é o Vaticano de Portugal! E o Papa será, decerto, bem substituido pelo Longuinhos «casamenteiros», em torno do qual as velhas vêm cumprir a promessa das trez voltinhas!

Quanto á vida dos Hoteis, suponho-a suficien-

temente indicada : não nos chegam os ecos francezes da capital de Portugal ! Jogos de prendas, cantigas de João de Lemos, recitativos de Tolentino, quasi mazurkas e polkas. Verdade seja, porém, que, talvez por convenção, á data da minha chegada já tinha sido abolida a etiqueta de «senhoria»...

Quanto perdeu Fradique em não ter descoberto este canto de Portugal legitimo !

Os Hoteis têm uma carranca quasi conventual : nas salas ha uma atmosfera larga, que entra pelas grandes janelas, que se espalha pelas paredes brancas ; os corredores são extensos, medonhamente extensos. E o Bom-Jesus, nas horas que se seguem ao almoço, parece adormecer ao sol, estiraçado, espreguiçando a digestão...

E' a hora em que todos dormem ou, cabeceando, discutem, patrioticamente, os 50 milhões de «dollars»...

Terra portugueza, bom verdasco, melancias rechonchudas, romarias ao Sameiro, ao Alivio, á Consolação, e a critica honesta a cochichar pela fresquinha, entre rizadas, ao canto de cada rua...

Só á noite se passeia. A' noite ou de manhã. E é delicioso, então, cruzarmo-nos com aqueles

celebres bandos minhotos, quebrando a nota dos estomagos dilatados, cantam em algazarra :

A Senhora do Sameiro
bota fitas a avoar,
vermelhinhas e branquinhas
todas vão cair no mar...

Outras vezes, os moços provocando :

Toda a noite choveu papas,
trabalharam as colheres.
Quem quizer ouvir má lingua
é da bôca das mulheres...

Depois, pacatamente, tudo recolhe.

Fazem-se grupos onde todos falam, todos, os ponderados chefes de familia, os rapazes intelligentissimos, as meninas prendadas...

E n'esta vida mole, bocejos d'uma felicidade obesa, o tempo vae-se arrastando, systematicamente, entre as primeiras Avê-Marias e a ultima contra-dança.

Hotel do Parque—Setembro 1921

GUY. M. RATO



Uma fonte

UM ESCULTOR NOVO

CONHECI Severo Portela, filho, a expor, na Sociedade e na Escola, ha alguns anos. Depois fez-se um grande silencio á roda do pequeno nome do escultor. Teria adormecido?

O publico não perdôa que um artista, quer o que escreve, quer o que pinta,

o povo passante, o povo pupila cansada e ansiosa, o povo boca escancarada e lagrimas nos olhos doentes, o povo genio e o povo maltrapilho, aquilo que quer e exige é prazer. Mostrando-se, é belo e é sujo. No fundo — mau. Toda a beleza do povo está nos olhos dos que dão vida ao marmore e luminosidade de astros ás letras. Mas...



Beijo



Remorso

quer o que faz ritmo, quer o que faz escultura — se esqueça de si proprio, e se cale. E' talvez por isso que quando um nome transitoriamente se apaga, na volta á popularidade, o Povo o maltrata. O povo é egoista, e é o egoismo que gera, mais ou menos conscientemente, o ciume. Quando o poeta, o romancista, o pintor, o creador de formas reaparece, o publico, fera que rugue, com todas as seduções plasticas e belas de fera, interroga:

— Por onde andou? Pois volte p'ra lá!

E' o amante. Ah! O sordido amante!

O povo -- que não é a peble, o povo publico,

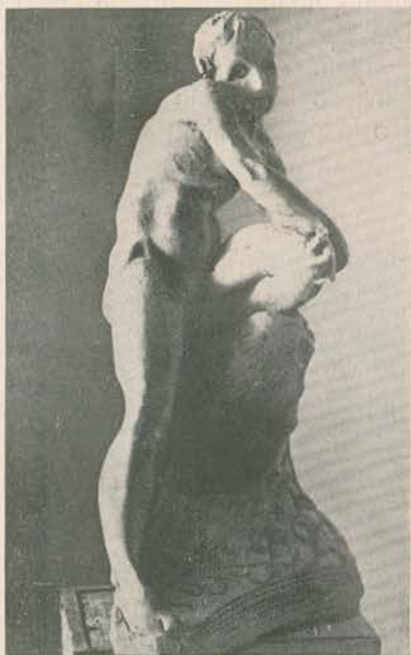
Severo Portela, filho, é um rapaz de altas qualidades. Pequena e fragil galeria, adivinhei sempre nele uma intenção. Um seu perfil, que visitei uma vez no barro mole, tinha a harmonia ritmica das estatuas antigas, vigorosas como palavras, e que desenterradas se vestiam da graça do ainda existente nos pedaços mutilados e até nos perdidos. Vi nele mais ou menos o impotente da materia, e não o insolente criador. O que não relegava por circunstancias barbaras, e não o que não realisava por ausencia de poder fecundante. Era o Claudio, transviado nas infantibilidades da

escola. Hoje encontro-o em plena agitação. Modernizou-se? Confesso que não sei o que é o artista moderno. O que vejo em Severo Portela, agora, é uma forma servida, por um pensamento, em ansiedade.

Será transitória, como uma crise — esta

a que cola os lábios á que faz simplesmente tremer os mesmos lábios; o Beijo, reprodução que o escultor dá ao marmore do Beijo que Deus lhe deu — também animou o artista moço de quem falamos.

Lá temos na adivinhação do barro, bati-



Estudo



Beijo

crise de saúde nos doentes — ou será definitivamente a sua exaltação creadora a dentro dos humbrais do templo onde a escultura é ainda a mais nobre das artes, depois da Arte escrita?

O Beijo, tema eterno na escultura, que Praxiteles já tinha vincado nas suas revelações predestinadas da linha — Beijo sem bocas, beijo sem fogo, beijo sem sexo —, o Beijo, realização do Amor só pela indicação de beleza palpante, na curva e na côr; um Beijo tentação de todas as inspirações e de todos os genios, dado por todos os artistas — em cujas almas ha exemplos e modelos animados de todas as viagens —, um Beijo que desde Miguel Angelo e Rodin tocou todas as formas subjectivas, desde



Remorso

do por dedadas incertas, o braço que segura a anca, a cabeça esguelhada que sorve o contacto, e tudo nesse grupo nos dá a impressão, dum artista visionario que quer deixar de balbuciar demonstrações, ainda

não em planos de realização potente, mas já descobertas em seiva e frescura. Tem Severo Portela um *Estudo*, onde a sugestão rodinesca, os exageros da anatomia, e esta sugestão ainda mais se anima splendidamente num *Remorso*, brutal e confuso, que oxalá a pedra vista a seu tempo de claridade divina.

Que Deus anime sempre o seu braço, e a sua inspiração fresca procure na alma imensa que os artistas verdadeiros possuem, aquele sentido orgulhoso de humildade necessario para vencer.



OLHÃO, TERRA CUBISTA

NO meio da polémica travada entre *velhos e novos*, a propósito de *Sociedade Nacional de Belas Artes*, apareceu envolta no conflito, entre as duas partes, a vila de Olhão. Porquê?

Porque houve quem afirmasse que para fazer o monumento a João Lucio, o escultor Francisco dos Santos nem sequer foi ver a vila a que ela era destinada; não a conhecia, não a tinha visto antes!

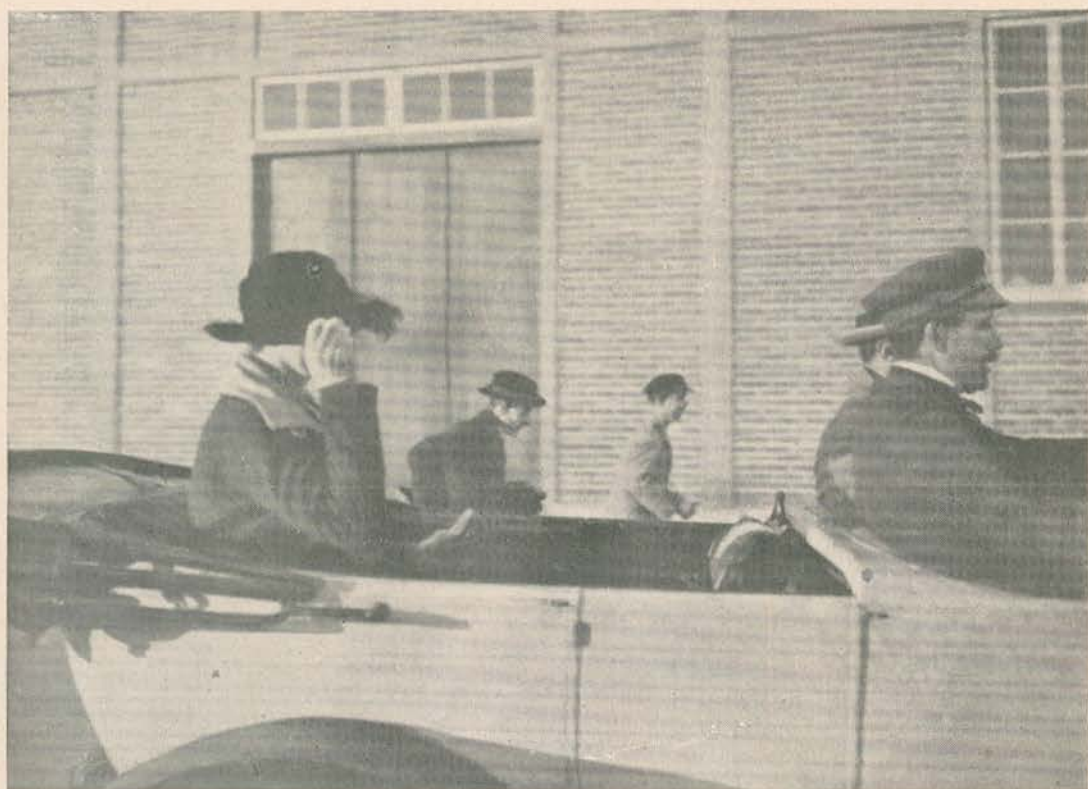
O monumento é feito em Lisboa, na luz convencional de um *atelier*, retórico incaraterístico, para Olhão, como para a Praça da Concordia.

O sr. Francisco dos Santos está, porém, descansado como se o seu monumento fosse ideado no *tempo e no espaço*, o que lhe garanta a eternidade em todas as edades e em todos os lugares. E Olhão, a terra a que o monumento se destina, diz o ilustre escultor, *é uma terra incaraterística*.

Crente de que é incaraterística, o autor do monumento tem a certeza de que ela é o ambiente mais proprio para a sua obra...

Mas enganou-se. Reproduzimos hoje uma vista de Olhão — e vejam todos os olhos se esta terra que é facil barrar, na imaginação, de um azul ferrete de mar e ceu, vejam se esta terra geométrica, detalhada, de telhados decepados, quasi cubista, — é uma incaraterística.

A EX-IMPERATRIZ ZITA EM LISBOA



A ex-imperatriz Zita defendendo-se das objectivas



A ex-imperatriz Zita entrando para o automovel que a conduziu á estação do Rocio, onde tomou o Sud-express (Clichés Garcez).

ACTUALIDADES



O funeral de Lucinda do Carmo. O sr. Luiz Galhardo discursando no cemiterio



Manoelistas e Integralistas na estação do Rocío, onde foram apresentar os seus cumprimentos à ex-imperatriz Zita



Na Sociedade Promotora de Educação Popular. A comissão de senhoras que organizou a festa infantil realizada em 28 de Dezembro



Na Assistência Infantil de Santa Isabel. As crianças a quem a comissão de melhoramentos locais ofereceu um lunch e calçado por ocasião do Natal (Clichés Salgado).

AS INICIATIVAS DA CASA "MARIN, REBELO DE ANDRADE & ALCOBIA"



Na casa «Marin, Rebelo de Andrade». — O vestibulo

A casa «Marin, Rebelo de Andrade» acaba de tomar uma bela iniciativa, uma inovação que muito ha de contribuir para o futuro das artes decorativas em Portugal. A harmonia de uma vida tem a sua sintese, a sua imagem, na harmonia de uma casa. Quando o arquiteto traça o plano de uma casa

deve lembrar-se logo dos moveis, dos quadros, que melhor hão de jogar com esse plano. Os moveis, as estatuetas, os *bibelots*, são pormenores da casa. E' esse o criterio da casa «Marin, Rebelo de Andrade». Esta casa prontifica-se a construir uma casa, a mobilá-la, a dar-lhe ambiente. E' a primeira vez que em



Na casa «Marin, Rebelo de Andrade». — Uma sala

Portugal se toma esta iniciativa. Nas nossas casas, em geral, falta o ritmo, afinal o ritmo que dá suavidade á vida... E' esse ritmo que a casa «Marin, Rebelo de Andrade» procura em todos os seus projectos. Uma visita aos escritorios desta casa elucidanos completamente sobre esta bela iniciativa. O bom gosto com que está posta a casa «Marin, Rebelo de Andrade» é uma bela prova do bom gosto das



peçoas que estão á frente desta iniciativa. O sr. Rebelo de Andrade com quem tivemos occasião de conversar, é um arquiteto muito distinto com ideias muito lucidas e muito originaes sobre a arte do lar. Aconselhamos aos leitores da «Illustração Portuguesa» uma visita aos escritorios daquela casa. Estamos certos que virão de lá admiravelmente impressionados.

Um gabinete de trabalho

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

PROVAMOS COM ATESIA DOS MEDICOS

Para a fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatisimo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tonico por excellencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando

a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão.

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1858 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921 — Esc. 7.972:798\$76

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

SEGUROS DE VIDA.

AGENTES:

José Henriques Tota, Ltd.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 centra

LISBOA

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fizio-logia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenitgne, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, alemão italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã ás 7 da tarde (nota) — Lisboa

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos p. ra resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos

DOENTES

A Moderna Terapêutica Magnética e Psíquica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa mental por grave e antiga que seja; assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e aqui pelas importantes curas que tenho realzado.

Os que estão cansados de sofrer não devem, pois, hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-físico-magnéticos e dietéticos

De cujos favoraveis resultados me responsabilizo.

P. Indiveri Colucci

R. C. JOAO GONÇALVES, 20, 2.ª Esq. — Esquina da Ammirante Reis (ao Intendente)

Constipações, influenza, reumatismo

Curam-se rapidamente com os comprimidos de

«IDRAPIRINA RIEDEL»

O melhor dos remedios alemães

A venda nas boas farmacias

Deposito: KRITTS, CEGEVA & C.ª, L.ª

69, Rua do Carmo -- LISBOA

A Agencia Internacional

de Informações Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

247 Sucursaes nas cinco partes do mundo

A CASA DUN



Unica Agencia de Informações Comerciaes que possue
**TREZE SUCURSAES PRO-
PRIAS** na Peninsula:

BARCELONA:	Calle de Bilbao, 198
BILBAO:	Calle de la Estacion, 5
LISBOA:	Rua do Comercio, 103
MADRID:	Calle Nicolás M. ^a Rivero, 8 y 10
MALAGA:	Alameda de Wilson, 19
MURCIA:	Plaza de Santa Gertrudis, 1
PORTO:	Rua do Almada, 10
SANSEBASTIAN:	Calle de Garibay, 22
SEVILLA:	Calle de Cánovas del Castillo, 14
VALENCIA:	Calle de Sorni, 2
VALLADOLID:	Calle de la Constitución, 7
VIGO:	Calle de Urzáiz, 2
ZARAGOZA:	Calle del Coso, 115

Propriedade e Séde Social de R. G. DUN & Co.,
em New-York, 290, Broadway

CASA AMERICANA Fundada em New-York
em 1841

Central para Portugal: 15, Rua dos Fanqueiros-LISBOA

Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO